

O DISCÍPULO E A METÁFORA DA LUZ NOS ESCRITOS LUCANOS

Alberto Casalegno

A obra lucana possui um rico vocabulário referente à luz. O termo *phos* aparece dezessete vezes tanto em sentido literal como figurado¹. Dois verbos, *iluminar* (*photízein*, Lc 11,36) e *resplandecer* (*lámpein*, 17,24; At 12,7), indicam a função da luz; a estes acrescenta-se *brilhar* (*astráptein*, 17,24; 24,4) que frisa o brilho fulgurante, parecido ao do relâmpago (*astrapé*, 10,18; 11,36; 17,24). Não faltam os verbos compostos que destacam uma luminosidade que se expande ao redor do ponto de irradiação². Também os termos *resplendor* (*lamprótes*, 26,13) e o mais tênue de *clarão* (*phéggos*, 11,33), o adjetivo *esplendoroso* (*lamprós*, At 10,30; cf Lc 23,11), o advérbio *esplendorosamente* (*lampros*, Lc 16,19)³ referem-se à terminologia da luz⁴.

O vocabulário em torno à temática das trevas é, em comparação, muito mais reduzido. O termo *skótos* se encontra sete vezes, usado em sentido real só em Lc 23,44 e At 13,11 e na maior parte das vezes em sentido metafórico⁵; *skotía*, *skoteinós*, *skotízeisthai* aparecem, pelo contrário, uma só vez. Além da frequência menor, a imagem das trevas é utilizada muitas vezes só para contrastar a da luz, com o efeito de frisar a importância desta. A realidade da luz tem, pois, um destaque evidente na obra lucana.

¹ Em Marcos, Mateus e João o termo se encontra respectivamente 1, 6, 21 vezes. Nos escritos paulinos 11 vezes.

² *Perilámpein* aparece em Lc 2,9; At 26,13, *peristráptein* em At 9,3; 22,6.

³ Cfr F. HAHN, "Luce", em *Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento*, Bologna 1976, 944-957; H. CONZELMANN, "phos", em *TDNT* IX, 310-318 (343-345).

⁴ A atenção do autor vai também para as fontes luminosas: o sol (Lc 4,40; 21,25; 23,45; At 2,20; 13,11; 26,13; 27,20), a lua (Lc 21,25; At 2,20), os astros em geral (Lc 21,25; At 7,43; 27,20), a lâmpada (At 20,8).

⁵ Em Lc 1,79; At 26,18 conota a situação do homem pecador, em 22,53 as potências infernais, em At 2,20 as trevas escatológicas, em Lc 11,35; 12,3 tem sentido translativo.

Deixando de lado as questões de vocabulário, pode-se notar que esta metáfora refere-se várias vezes à comunidade cristã, exatamente nos textos de Lc 8,16; 11,33-36; 16,8; At 13,47, onde explicitamente aparece o termo *phos*. Tendo em conta o número relativamente grande das ocorrências parece, à primeira vista, que o evangelista tem certa simpatia por esta metáfora. Mas não é totalmente original, pois tal motivo, embora com menor insistência, caracteriza a Igreja também em Mt 5,14.16 e em Jo 12,36, apesar de que este último autor refira a categoria quase exclusivamente a Cristo.

A finalidade deste trabalho é analisar os textos lucanos em que a imagem está relacionada com a comunidade, explicitar seu sentido, ver suas implicações, evidenciar os motivos que determinam sua repetida utilização por parte do autor, sejam eles literários ou circunstanciais, i.é., relacionados com a situação concreta dos fiéis da Igreja lucana. O estudo indicará se tal uso da metáfora em relação à comunidade primitiva é significativo também para a Igreja de hoje.

1. Luz e missão apostólica

O momento representado pelo texto de At 13,44-49 é delicado. Em Antioquia de Pisídia, face à recusa dos judeus ao anúncio dos apóstolos, Paulo e Barnabé declaram que, de agora em diante, se dirigirão aos pagãos. Não se trata ainda de uma decisão sem retorno, porque, nos capítulos seguintes do livro, a missão continua a ser dirigida também aos judeus⁶. Trata-se, porém, de uma decisão que indica a orientação futura da missão, depois que o endurecimento judaico se tornar definitivo (At 28,26-28).

O texto de Is 49,6 justifica tal mudança: "Eu te estabeleci como luz das nações, para levars a salvação até os confins da terra"⁷. A expressão, que no AT está relacionada com o Servo de YHWH⁸, tem um vigor particular: está colocada na boca de Jesus e tem a força de um mandato (*entétaltai*). O verbo, no tempo perfeito, evidencia que esta missão tem caráter de estabilidade, assim como é estável a delibera-

⁶ O evangelista sublinha em 13,46 que Israel é o primeiro beneficiário da missão cristã (*proton*, cfr 3,26; 13,23). No mundo hebraico, esta tem êxito parcialmente positivo. Na perspectiva lucana, portanto, os pagãos não substituem os judeus endurecidos, mas se tornam parte do povo de Deus (3,23), agregando-se ao *resto* de Israel que se converte.

⁷ J. ROLOFF, *Hechos de los Apostolos*, Madrid 1984, 280, pensa que já a tradição anterior a Lucas utiliza o texto de Is 49,6 para justificar a missão aos pagãos.

⁸ Há uma correspondência significativa entre a figura do Servo de YHWH e a dos missionários cristãos: em ambos os casos o êxito da missão aos pagãos acontece depois do fracasso da missão a Israel.

ção divina que realiza seu plano universal de salvação. A função da citação é, pois, frisar que a missão aos pagãos não depende da recusa de Israel, que representa uma simples ocasião, mas da palavra da Escritura que desde sempre quer que o anúncio de Jesus Salvador seja oferecido aos judeus e aos pagãos.

No texto, que tem como sujeito Paulo e Barnabé, a segunda pessoa singular da citação cria certa tensão. Esta diminui se se considera que a figura do Servo⁹ pode ser interpretada tanto individualmente como coletivamente¹⁰.

Apesar de que a imagem se refira aos dois protagonistas da primeira viagem missionária, Lucas utilizando-a pensa em particular em Paulo. De fato, também em At 9,15; 22,21; 26,18 o apresenta com os traços do Servo de YHWH. Além disso, em 9,15 e 22,21 evidencia a dimensão universal da sua vocação, frisada também em At 13,47 com a expressão *ser luz até os confins da terra*. Esta qualifica o programa do livro dos Atos (1,8) que Paulo leva a cumprimento¹¹.

Em que consiste tal função iluminadora dos apóstolos? A dupla correspondência entre os termos *luz* e *salvação* e entre o lexema *pagãos* e a expressão *extremos confins da terra* de At 13,47 indica que oferta de luz é oferta de salvação a quem ainda se encontra nas trevas. Através da expressão densa do texto que afirma que Paulo e Barnabé *são luz*, Lucas quer dizer que eles são portadores de salvação aos pagãos. Isto acontece não só com a transmissão de uma mensagem, mas com o testemunho concreto de vida, como aparece em At 11,24 e 20,33-35.

O texto de At 26,18 tem uma perspectiva um pouco diferente a respeito do antecedente porque refere o termo *luz* à nova situação dos pagãos que acolheram o Evangelho; ajuda, porém, a esclarecer a riqueza de sentido do termo. O versículo pertence ao relato da conversão de Paulo; com uma série de infinitivos finais, afirma que a finalidade da escolha do apóstolo e da sua missão é *abrir os olhos dos gentios, fazê-los passar das trevas à luz, do poder de Satanás a Deus, receber o perdão dos pecados e a herança entre os santos* (At 26,18). Trata-se de uma série de infinitivos subordinados, ligados entre si por uma relação causal, especificando-se mutuamente e sendo o antecedente esclarecido pelo se-

⁹ O TM tem como sujeito da frase de Is 49,6 a palavra *salvação*, não o termo *Servo*, como acontece nos LXX.

¹⁰ Por este motivo a citação pode se referir não só a Paulo e Barnabé, mas também pessoalmente a Cristo (Lc 2,32).

¹¹ O texto dos Atos mostra que só gradualmente se chega à missão aos pagãos: Pedro é o primeiro a acolher um incircunciso nas fileiras da Igreja (10,45; 11,1.18; 15,7.12); segue o trabalho com os pagãos feito por anônimos habitantes de Chipre e de Cirene na comunidade de Antioquia (11,19). Só depois do Concílio de Jerusalém, Paulo entra em cena como missionário dos pagãos.

guinte¹². No versículo, Lucas, com o duplo binômio de oposição *treva/luz* e *poder de Satanás/Deus*, especifica que alcançar a luz é fruto de uma conversão (*epistréphein*), implica um movimento de saída de um poder tenebroso, o de Satanás, para se aproximar de Deus. Interpretando-se a expressão *abrir os olhos* do versículo com a ajuda do texto de Lc 24,16.31, alcançar a luz equivale, também, a crescer no conhecimento (*epiginóskein*), i.é., a reconhecer algo (ou alguém?) que antes era obscuro. Estes elementos apontam para a dimensão cristológica da luz a que são convidados os pagãos. O texto de At 26,18c diz que ela é consequência da fé em Cristo que perdoa os pecados e abre para a esperança escatológica. Utilizando os modelos da pregação judaica ao mundo pagão, em que se insiste na conversão ao único Deus (1 Ts 1,9; At 14,15; 17,22-30) e empregando a metáfora da luz, que já a tradição refere à vida cristã (1 Ts 5,4; Ef 5,8; Cl 1,13; 1 Pd 2,9), o texto descreve, portanto, a situação do cristão que se converteu do paganismo. A categoria da luz se torna, assim, sinônimo desta nova realidade. Situar-se na luz não é, porém, um ato pontual: implica um processo com etapas sucessivas que se identifica com a descoberta do amor de Deus que em Cristo perdoa o homem, o restaura e o conduz à vida (11,18)¹³.

Dos textos de At 13,47 e 26,18 pode-se, pois, concluir que Lucas usa a metáfora da luz seja para conotar a palavra de salvação anunciada pela comunidade no seu trabalho apostólico, seja para descrever a nova situação dos que se deixam iluminar por esta palavra, realizando uma transformação íntima das suas convicções e da sua práxis moral. Os dois aspectos estão evidentemente em relação: a luz da revelação faz com que a pessoa se torne luz. "Na tua luz veremos a luz", afirma o Sl 36,10. Além disso, o uso da metáfora frisa a certeza, sempre provocativa, do valor único e definitivo da revelação cristã (At 4,12), e, ao mesmo tempo, sua força irradiante e seu poder eficaz. Indica em particular que tal revelação é uma palavra significativa para quem a recebe e a compreende, capaz de iluminar seu caminho e oferecer-lhe uma nova visão de si mesmo e da realidade.

Se o texto de At 13,47, aplicando a metáfora da luz aos missionários do Evangelho, contribui em certo sentido para a idealização de Paulo que Lucas destaca na segunda parte dos Atos, apresenta também outra perspectiva. A relação dos termos do versículo com os correspondentes de outros trechos lucanos evidenciam que o autor, mencionando na citação de Is 49,6 os lexemas *luz* e *salvação*, refere-se em particular ao Cristo.

¹² Cfr M. ZERWICK, *Graecitas Biblica*, Romae 1960, 385.

¹³ M.F.J. BUSS, *Die Missionspredigt des Apostels Paulus in Pisidischem Antiochien*, Analyse von Apg 13,16-41 in Hinblick auf die literarische und thematische Einheit der Paulusrede, Stuttgart 1980, 137-140, nota que a passagem dos pagãos das trevas à luz repete a de Paulo na sua conversão (At 9,17; 22,13).

No cântico de Simeão (Lc 2,29-32), com efeito, o termo *luz* do v. 32 representa um aposto do termo *salvação* do v. 30: identifica-se com a pessoa de Jesus, qualificado como salvador em 2,11. O binômio, embora em ordem inversa, é o mesmo de At 13,47; o autor, para ilustrar a identidade de Jesus, mesmo retomando os módulos do AT que relacionam o advento do Messias à luz (Is 9,1; 60,1), faz referência ao mesmo trecho de Is 49,6 sobre o Servo de YHWH¹⁴. O texto de Lc 2,29-32 explicita melhor a função desta luz que é a salvação oferecida pelo Messias, ou antes, o próprio Messias: tira o véu que impede aos pagãos de verem e dá prestígio e renome a Israel. Esta interpretação é possível se se aceita que, em 2,32, o termo *luz* rege tanto o lexema *revelação* como *glória*, entendendo assim que a salvação oferecida por Jesus é, ao mesmo tempo, luz para a revelação dos gentios e para glória de Israel¹⁵. Esta possibilidade de leitura que frisa a função iluminadora de Cristo com alcance universal, embora não seja a única, está em conformidade com a teologia de Lucas porque sublinha a estreita ligação entre a missão aos judeus e aos pagãos¹⁶; além disso, encontra apoio em At 26,23 onde o termo *luz*, que conota o anúncio cristão, refere-se tanto aos judeus como aos pagãos.

Também o termo *salvação*, que em 13,47b designa a mensagem apostólica, tem densidade cristológica, como aparece no próprio cântico de Simeão. Em At 13 esta dimensão se torna evidente porque o lexema se relaciona com a expressão *palavra de salvação* do v. 26 que qualifica o anúncio salvífico, dirigido aos judeus e aos prosélitos de Antioquia de Pisídia; esta, por sua vez, relaciona-se com o termo *salvador*, referido a Cristo no v. 23 (cfr At 5,31).

O paralelismo de ocorrências da imagem da luz e do tema da salvação, aplicados seja aos apóstolos, seja ao Messias, permitem afirmar que Lucas considera os missionários na filigrana do Messias. Além disso, a referência à figura do Servo para apresentar tanto o missionário como Jesus fortalece esta ligação. Os apóstolos que recebem a mis-

¹⁴ Também Sl 97,3 e Bar 4,24 significam a salvação sob uma imagem relacionada à luz.

¹⁵ Cfr J.A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, II, Madrid 1987, 259-260; S. MUÑOZ IGLESIAS, *Los Cánticos del Evangelio de la Infancia según San Lucas*, Madrid 1983, 308-314. O termo *glória*, porém, pode ser um simples aposto de *luz* e de *salvação* dos versículos anteriores: segundo esta interpretação a salvação é luz para os gentios e glória para Israel; cfr H. SCHÜRMANN, *Il Vangelo di Luca*, Brescia 1983, 250-251.

¹⁶ A apresentação do Messias como fonte de luz, embora limitada ao povo de Israel (Lc 1,68), aparece também em 1,78, onde Jesus é qualificado como *Oriente do alto*, retomando o motivo da estrela de Mt 2,1.2; Ap 22,16. A luz é também um elemento da cristofania da estrada de Damasco (At 9,3; 22,6; 26,13), cfr G. LOHFINK, *La conversión de San Pablo*, Brescia 1969, 68-69.83-84.99; S. SABUGAL, *Análisis exegético sobre la Conversión de San Pablo*, El problema teológico e histórico, Barcelona 1976, 75.83.94.135.143.

são divina são, pois, *luz* não por si mesmos, mas por causa da sua relação com Cristo de quem são mensageiros. Isto acontece na medida em que permitem ao Senhor de exercer através deles sua função reveladora e iluminadora. Com a metáfora da luz, Lucas afirma, portanto, que o missionário, para ser tal, deve se inserir na ação do Messias, ser instrumento nas suas mãos e em comunhão com ele. De fato, é o Senhor que continua sua missão através dele (At 9,34). Segue-se que é o Cristo que sustenta seu anunciador e o antecipa e não o contrário. A luz que este anuncia nunca é, portanto, uma posse pessoal.

A estreita relação entre Jesus e o apóstolo é frisada também pelo fato de que o texto de At 26,22 opera uma espécie de justaposição entre a atividade do testemunho de Paulo (*martyréin*) e a de Cristo que anuncia (*anaggéllein*) a luz aos povos. Esta relação entre o Senhor e a comunidade é, de resto, no texto dos Atos, expressa também com a categoria do *nome* de Jesus, em força do qual acontecem milagres (3,6.16; 4,7.10.30) e está explicitada em 9,34, onde Pedro cura Enéias dizendo: "Jesus Cristo te cura".

Pode-se acrescentar que para Lucas o evento a partir do qual a luz da salvação ilumina universalmente os povos é o da ressurreição. De fato, o texto de At 26,23 relaciona o anúncio da luz às nações com o acontecimento pascal¹⁷. Além disso, a celebração de Jesus *luz e salvação*, no cântico de Simeão, representa já o resultado da compreensão pascal, como, de resto, todo o evangelho da infância; tal âmbito é o em que se realiza a missão da Igreja aos pagãos e se interpreta o texto de Is 49,6.

2. A metáfora da lâmpada

A metáfora da lâmpada chama a atenção porque, embora Lucas procure eliminar as duplicatas, se encontra duas vezes no Evangelho (8,16; 11,33). Esta dupla ocorrência se explica pelas duas fontes distintas usadas pelo evangelista (o texto de Mc 4,21¹⁸ para 8,16, o da fonte

¹⁷ A metáfora da luz e a referência ao Servo de YHWH, usados para qualificar tanto Cristo como os apóstolos, indicam que Lucas considera Paulo legítimo sucessor da missão de Jesus, embora não o coloque ao mesmo nível dos Doze (At 1,20-21). Esta perspectiva é confirmada pelo fato de que Lucas aplica a ele a qualificação de *testemunha* (22,15; 26,16) e o binômio *ver e escutar* (26,16), que se referem aos Doze respectivamente em 1,8; 10,39-41 e em 4,20; Como para estes, utiliza também para Paulo o verbo *mandar* (13,47a), raro na obra lucana.

¹⁸ Lucas e Marcos colocam o dito no contexto das parábolas. Ambos afirmam que a lâmpada não se coloca debaixo da *cama*. Lucas, porém, abole as duas frases interrogativas com que começa o texto de Marcos e dá um sujeito à frase, evitando que a ação se refira a uma coisa (*a luz vem*).

Q para 11,33¹⁹); a repetição, porém, indica a importância que o autor atribui à metáfora da luz.

Se o versículo como um todo faz referência à luz, esta é mencionada explicitamente no final da sentença, numa expressão conclusiva um pouco diferente da frase coordenada de Mateus²⁰: ninguém acende uma lâmpada para escondê-la, mas para colocá-la sobre o candelabro a fim de que aqueles que entram vejam a luz.

A redação dos dois textos paralelos de Lc 8,16 e 11,33 é, porém, um pouco diferente²¹: no primeiro texto a colocação da lâmpada sobre o candelabro opõe-se ao escondê-la *debaixo de um recipiente* ou *debaixo da cama*; no segundo texto ao pô-la *no porão* ou *debaixo do alqueire*. Estes pequenos detalhes indicam que Lucas pensa provavelmente em dois diferentes tipos de casa iluminados pela lâmpada. De fato, em Lc 8,16, diferentemente de Marcos, substituindo o termo *alqueire* por *recipiente* e falando em *cama* e em *candelabro* no singular sem artigo, parece fazer referência a uma casa palestinese com um só cômodo, onde existe uma só cama e um só candeeiro. Em 11,33, pelo contrário, mencionando o *porão* e o *candelabro* com o artigo, para distingui-lo de outros menores, parece indicar uma casa greco-romana de tamanho maior²². Independentemente do tipo de casa que o autor considera, o dito quer afirmar que é uma atitude néscia impedir que a luz produza seu efeito.

A metáfora da luz sobre o candelabro não é uma pincelada pitoresca do evangelista sem ulterior sentido. Refere-se a uma realidade pontual que o duplo contexto em que o dito se encontra ajuda a evidenciar²³.

O texto de Lc 8,16 está colocado na subsecção 8,4-21, referente à parábola do semeador e à sua explicação, que constituem uma unidade literária. De fato, os vv. 1-3, que antecedem e representam um sumário da atividade de Jesus na Galiléia, determinam uma cisão; o texto de 8,22-56, que segue, constitui outra unidade literária referente

¹⁹ Como em Mt 5,15, o dito menciona o *alqueire*. Os vv. 34-36, que seguem, pertencem também à fonte Q (cfr Mt 6,22-23).

²⁰ O texto de Mt 5,15b afirma que se coloca a lâmpada "sobre o candelabro e brilha para todos os que estão na casa". Cfr J. DUPONT, "La lampe sur le lampadaire dans l'Évangile de Saint Luc (Lc 8,16; 11,33)", em *Études sur les Évangiles Synoptiques*, II, Leuven 1985, 1032-1048.

²¹ Em 11,33b o termo *luz* é substituído pelo equivalente de *esplendor* (*féggos*).

²² *Ibidem*, 1035-1036. Discute-se se, no texto lucano, é correta a lição *debaixo do alqueire* que falta em alguns manuscritos. O recipiente para medir pertence, de resto, às casas palestinese e não às helenistas.

²³ *Ibidem*, 1039-1047; F. HAHN, "Die Worte vom Licht. Lk 11,33-36", em *Orientierung an Jesus. Zur Theologie der Synoptiker*, FS J. SCHMIDT, Freiburg-Basel-Wien 1973, 107-138 (122-123, 131-134).

aos milagres que Jesus realiza para preparar os discípulos para a missão (9,1-6). É à luz desta subsecção, bem delimitada literariamente, que se encontra a chave de leitura do texto.

Na perícope de 8,11-15, que o antecede imediatamente, interpreta-se a semente do relato parabólico como a Palavra, semeada nos corações, que recebe vários tipos de acolhida (vv. 11.12.13.15). Tendo em conta este elemento, a lâmpada que ilumina a casa pode significar em primeiro lugar a Palavra. O binômio luz-palavra, de resto, é já conhecido no AT (Sl 119,105.130). Se Lucas, pois, com a imagem da semente evoca a idéia do germinar escondido da Palavra, com a da lâmpada frisa seu poder de irradiação e de atração.

É preciso, porém, notar que, se a explicação da parábola do semeador é dirigida aos discípulos (v. 9), também o dito da lâmpada, ligado a esse texto com a preposição *de* com valor ilativo²⁴, deve referir-se a eles. Na perícope frisa-se, de fato, a importância da escuta (vv. 12.13.14.15) e a necessidade de uma séria opção perante o anúncio evangélico, sublinhando que se trata de um ato que tem consequências escatológicas (v. 12b). Esta necessidade da disposição interior para aceitar a Palavra é evidenciada também no v. 18, que se segue ao dito da lâmpada, onde, com a expressão: "*Cuidai do modo como ouvis*", destaca-se a modalidade da escuta. Segue-se que o dito da lâmpada aponta também para a situação do discípulo de coração bom e generoso que se deixa transformar pela Palavra e assim leva fruto com perseverança (v. 15).

A luz da lâmpada se torna, portanto, o símbolo do resultado alcançado por aqueles que escutam. O texto afirma, pois, que quem vive coerentemente com o ensino de Jesus irradia necessariamente luz. Aquele, pelo contrário, que, tendo recebido a Palavra, fica estéril, se assemelha a quem esconde a lâmpada com um recipiente ou a coloca debaixo da cama, não permitindo que exerça sua função. O dito da lâmpada de 8,16, que enfoca em particular a vida interna da comunidade, se torna, portanto, uma exortação ao discípulo para se deixar transformar pelo poder da Palavra²⁵. Os versículos que seguem, com os quais o v. 16 está ligado²⁶, insistem, segundo perspectivas diferentes, sobre esta exortação, estimulando o discípulo a ser transparente e a dar uma resposta plena.

O contexto diferente do segundo dito da lâmpada (11,33) determina outra interpretação. Este é constituído pela perícope do sinal de

²⁴ FITZMYER, *Lucas II*, 743-744.

²⁵ No texto de Marcos o dito da lâmpada tem que ser interpretado à luz da teoria das parábolas explicitada em 4,10: indica que o anúncio evangélico, já acolhido pelos discípulos, é destinado a abranger o mundo inteiro.

²⁶ A relação está indicada com as partículas *gar* (vv. 17.18b) e *oun* (v. 18a).

Jonas que o antecede (11,29-32). O texto tem uma dimensão claramente cristológica. As figuras de Jonas, profeta que prega a conversão, e de Salomão, rei sábio, servem para falar no Filho do Homem, qualificado como superior a eles (v. 30). Se estes personagens da história bíblica representam um sinal para seus contemporâneos, segue-se que também Jesus, com seu ensinamento e sua atividade, é um sinal para sua geração. Este fato faz com que sejam inúteis outros sinais suplementares que as multidões que o cercam pedem a Jesus. A subsequente imagem da lâmpada declara, portanto, que a pessoa de Jesus é para sua geração um sinal eloqüente, uma luz que brilha. Se ela não sabe compreender a verdade de suas pretensões messiânicas e do seu ensinamento, depende da sua má disposição em relação a ele.

No Evangelho de Lucas os dois ditos da lâmpada ilustram, pois, respectivamente a meta luminosa que o discípulo tem que se esforçar por alcançar, e a realidade que Jesus e a Palavra representam para o ser humano. A consideração é, portanto, semelhante à de At 13,47 e Lc 2,32. Além disso, pode-se afirmar que a presença no Evangelho dos dois textos em que aparece o mesmo *lógion*, com sua dupla interpretação feita por Lucas, evidencia o relacionamento entre a luminosidade da comunidade e a do seu Senhor.

Se o dito da lâmpada de Lc 8,16 lembra ao cristão seu dever de ser luminoso, pode-se perguntar qual é o sentido da expressão com que termina o versículo: "para que aqueles que entram vejam a luz". A frase não se limita a indicar, sem ulterior significado, o efeito do candeeiro aceso numa casa; pode ser interpretado teologicamente. A transformação em frase final (*hína*), feita por Lucas, da expressão coordenada da fonte (cfr Mt 5,15b) indica, de fato, que ele quer dar destaque à frase. Além disso, Lucas, diferentemente de Mateus, sublinha não a iluminação produzida pela lâmpada, mas, colocando-se na perspectiva daquele que é iluminado, a possibilidade de visão que esta oferece. Deve-se acrescentar que o autor não fixa sua atenção, como Mateus, sobre os que *estão* na casa, mas sobre os que *entram* nela. Se se considera que a metáfora da luz é utilizada pelo evangelista em Lc 2,32 e At 13,47 para indicar a revelação e a salvação de Jesus Messias, oferecida a todos através da sua Igreja, não é ilógico pensar que também a expressão conclusiva do dito da lâmpada tem o mesmo sentido. A frase frisa, pois, as preocupações missionárias de Lucas. O sentido um pouco alegorizante se encaixa bem com o da explicação da parábola do semeador que precede imediatamente. Segundo a opinião de alguns autores, os que entram e vêem a luz são provavelmente os *outros*, mencionados no texto de Lc 8,10, aos quais Jesus fala em parábolas. Estes distinguem-se dos discípulos que conhecem os mistérios do Reino de Deus; com toda a probabilidade se identificam com judeus e pagãos a quem é dirigida a missão da Igreja.

3. A luz que há em ti, i.é., a lâmpada do corpo

A utilização da metáfora da luz para falar da comunidade encontra-se também no dito sapiencial constituído pelos vv. 34-36 de Lc 11, ligados artificialmente ao v. 33. Se vários termos do vocabulário da luz que aparecem no texto garantem o nexo com o versículo antecedente, o assunto muda. O centro de atenção não é mais a lâmpada, como no dito do v. 33, mas a realidade do olho, definido como lâmpada do corpo, que, na linguagem semítica, significa toda a pessoa. A diferença de perspectiva está confirmada pelo fato de que os textos de Lc 11,33 e 11,34-36 constituem em Mateus duas pequenas unidades literárias separadas.

Trata-se de um texto de difícil interpretação²⁷. De modo geral pode-se afirmar que nele se usa a metáfora do olho, como órgão que permite a orientação, para falar da situação da pessoa humana que depende de uma fonte de luz para se orientar. Além disso, o pronome pessoal e o adjetivo possessivo da segunda pessoa do singular, que se repetem no texto sete vezes, e ainda o imperativo do v. 35 *cuida bem* (*skópei*), sempre na segunda pessoa do singular, frisam que os versículos constituem uma interpelação pessoal feita ao discípulo.

Para compreender o texto precisa-se observar os pontos seguintes.

a. A correspondência existente entre a expressão do v. 34 *a lâmpada do corpo é o olho* e a do v. 35 *a luz que há em ti* compreende-se à luz da concepção dos antigos a respeito do processo de ver. O olho é considerado principalmente como fonte de luz, como mostra D. Allison²⁸, fazendo referência a muitos exemplos do mundo grego e judaico, tanto bíblico como extra-bíblico. Para o homem da época pré-moderna se o ouvido é um órgão passivo que se limita a receber, o olho é um agente ativo no processo de percepção visual. Tal concepção ótica baseia-se sobre o pressuposto de que o olho contém um fogo ou uma luz que se projeta sobre as coisas para serem vistas. É por esta razão que em alguns trechos do AT o olho é comparado com o sol (Sr 23,19; Pr 20,27; Dn 10,6; Zc 4,10).

Se nos vv. 34-36 o autor depende da teoria antiga da visão como emissão de luz, a justaposição dos vv. 33 e 34-36 não exclui, porém, que no âmbito do contexto parenético lucano, se pense que esta luz, que se projeta sobre a realidade, seja reflexo da do candelabro de que

²⁷ O estudo de M. PHILONENKO, "La parabole sur la lampe (Luc 11,33-36) et les horoscopes qoumrâniens", *ZNW* 79 (1988), 145-151, evidencia o pano de fundo cultural do dito.

²⁸ D. C. ALLISON JR., "The Eye is the Lamp of the Body (Matthew 6,22-23 = Luke 11,34-36)", *NTS* 33 (1987) 61-83.

se fala no v. 33. Sem metáforas, significa que a luz com que o discípulo ilumina coisas e situações é a de Cristo.

b. O paralelismo antitético do v. 34b frisa que o estado do olho são ou doente determina em toda a pessoa uma situação correspondente de luminosidade ou de obscuridade que já se verifica no presente (*estin*). Se, como nota D. Allison, se tem em conta que o processo de ver depende de uma emissão de fluido e se considera que, segundo esta perspectiva dos antigos, a possibilidade de visão decorre das condições da luz, conclui-se que sanidade e doença ocular não são algo puramente exterior que permite ou proíbe a visão, mas sim sintomas que revelam se no interior da pessoa existe luz ou escuridão²⁹. Ter um olho bom significa, pois, ser cheio de luz e irradiá-la para fora.

Evidentemente a dupla de adjetivos *são/doente*, que especifica a situação do olho, refere-se à situação ética da pessoa, i.é., indica a abertura desta aos outros, ou, pelo contrário, seu fechamento e egoísmo³⁰. Segue-se que a possibilidade de relações positivas com os outros é consequência do estado luminoso do íntimo do ser humano. Pelo contrário, ter um comportamento negativo mostra que esta luz é fraca ou não existe.

c. Estes elementos levam a uma conclusão. Como o olho, segundo sua natureza, deve ser fonte luminosa, irradiando para fora a luz interna, assim o discípulo de Jesus, se é verdadeiramente tal, tem que ser um emissor de luz, manifestando ao exterior a luz que está nele, recebida de Cristo que o ilumina. O dito de Lc 11,34-36 relembra, portanto, qual é a função do cristão no mundo e a importância da sua união com Cristo.

O dito da lâmpada do corpo termina no v. 36 que completa a consideração sobre a relação luz — comunidade: "portanto, se todo teu corpo está iluminado, sem parte alguma de treva, estará todo iluminado como a lâmpada quando te ilumina com seu fulgor"³¹. Neste texto há um *crescendo* com respeito aos vv. 34 e 35: passa-se da consideração da luminosidade do olho à de todo o corpo. O acréscimo *sem parte alguma de treva* evidencia que a meta a que é chamado o discípulo é a de total luminosidade. Diferentemente do texto paralelo de Mateus, que termina o dito com uma exclamação crítica sobre o estado de tre-

²⁹ ALLISON 74 afirma que o v. 34 é uma proposição condicional em que a condição causal não se encontra na prótesis (*se teu olho estiver são*), mas na apódosis (*todo teu corpo ficará iluminado/ escuro*).

³⁰ *Aploús* aparece só neste texto; *ponerós* tem conotação ética negativa em 3,19; 6,35.45; 11,13.29; 19,22; At 17,5; 18,14.

³¹ Os autores consideram esse texto um acréscimo lucano baseado no material da fonte. Os termos *astrapé* e *photizein*, de fato, não são de Lucas. Cfr HAHN, "Die Worte vom Licht", 129-133.

vas de quem não se deixa permear pela luz da lâmpada (6,23b), o de Lucas frisa ainda uma vez a simpatia do evangelista para com a imagem da luz. A afirmação de que esta situação meridiana do discípulo é determinada pela luz da lâmpada que o ilumina com seu fulgor implica, ainda uma vez, uma relação com a lâmpada colocada sobre o candelabro de 11,33, i.é., com a luz de Cristo e da sua revelação.

Como interpretar esta frase final do dito? A proposta de F. Hahn é sugestiva, embora considere pouco o atraso da parusia na obra lucana. O autor não considera o v. 36b como uma simples repetição do antecedente, como talvez presumiu Mateus que o omitiu. Baseando-se no tempo futuro que aparece no versículo, pensa que se refere à realidade escatológica. Esta está indicada, no texto, também pelo termo *fulgor*, relacionado ao relâmpago, que pertence ao contexto do fim dos tempos. Segundo o autor, à exortação do v. 35: "cuida bem se a luz que há em ti não é treva" segue-se, pois, a promessa de uma plena iluminação do fiel por parte de Cristo no momento escatológico. O texto, portanto, é um incentivo a se deixar iluminar ao longo de toda a vida pela salvação já presente até o cumprimento final, tirando todo empecilho (cfr 2 Co 3,18; cfr Jo 8,12; 9,39).

Esta interpretação, centrada na situação pessoal daquele que acredita, não é única. C. Torrey, apoiado por D. Allison, supõe uma má retrotradução do aramaico e conjectura que, na frase, o adjetivo *todo*, na sua segunda ocorrência (*estará todo iluminado*), deve ser considerado um nome com o sentido de *mundo*, *universo*, com a função de sujeito da frase (cfr Mt 5,14). Segundo esta leitura o dito, na sua expressão final, passa de uma perspectiva individual a uma universal: todo o mundo será iluminado pela luz que propaga o discípulo³². Esta leitura ilustra bem o interesse lucano para a missão, embora a afirmação conclusiva de que a luz sobre o candelabro ilumina a *pessoa* do discípulo, faz com que a primeira interpretação seja preferível.

Portanto também no texto de Lc 11,34-36 a metáfora da luz reexpressa uma perspectiva básica da teologia lucana do discípulo.

4. Os filhos da luz

A expressão, só de Lucas, se encontra depois da parábola do administrador injusto (16,1-8). O versículo, ligado ao trecho antecedente

³² Cfr C. TORREY, *The Four Gospels. A New Translation*, London-New York 1933, 145. 309-310.

com uma conexão de tipo causal³³, representa uma explicação do evangelista do elogio do servo desonesto feita pelo patrão³⁴: "os filhos deste século são mais prudentes com sua geração que os filhos da luz". A esta justificação seguem três aplicações concretas sobre o ensino da parábola dirigidas à comunidade, introduzidas pela expressão *e eu vos digo* (vv 9.10-12.13).

No texto a expressão semítica *os filhos da luz*, que qualifica um membro de um grupo³⁵, está em oposição à frase *os filhos deste século*: estes são declarados superiores aos primeiros em esperteza e sagacidade. O paralelismo com o binômio opositivo que se encontra em Lc 20,34 é imperfeito, porque nesta perícopes, referente à controvérsia sobre a ressurreição dos mortos, *os filhos deste século* estão em contraposição com *os que são considerados dignos do século futuro e da ressurreição*: o contraste é, portanto, entre o momento histórico e o escatológico, e não ao interior do próprio momento histórico como em Lc 16,8.

No âmbito da perícopes, *os filhos deste século* devem ser interpretados à luz da figura do administrador: são, pois, aqueles que vivem segundo a lógica humana, que sempre sabem encontrar uma saída em situações difíceis, que fazem injustiças (v. 8a, *adikía*), que não têm escrúpulos e só olham para o próprio interesse. Pertencem, portanto, ao mundo não redimido. O termo *século* (*aión*) está, de fato, relacionado com o lexema *geração*, que se refere à sociedade na qual os filhos deste mundo estabelecem relacionamentos de mútua vantagem, e que para Lucas tem normalmente uma acepção negativa (7,31; 9,41; 11,29.31.32.50.51).

A expressão *os filhos da luz*, que não se encontra no AT e na literatura rabínica³⁶, mas está presente nos escritos de Qumram³⁷, indica os discípulos de Jesus. Com esta frase de origem provavelmente palestinese, Lucas frisa o caráter de novidade da vida do cristão, consciente de ter recebido na pessoa de Jesus a revelação definitiva de Deus e de ter sido radicalmente transformado pela sua luz. Esta situação, fruto da fé e da graça, não tira os fiéis do mundo. Os filhos da luz continuam mergulhados na realidade deste mundo, em contato

³³ I. H. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, Exeter 1978, 620; FITZMYER, *Lucas III*, 716, explicam o sentido das duas proposições *hoti* do v. 8.

³⁴ A expressão *ho kyrios* é ambígua. Provavelmente não se refere a Jesus, como pensou algum exegeta, mas ao patrão da parábola. Cfr MARSHALL, *Luke* 619-620.

³⁵ Cfr At 10,6; 13,10; Mt 23,15; Gv 12,36 e W. SCHNEMELCHER, *TDNT VIII*, 334-397 (365). Mt 13,38 opõe *os filhos do Reino* a *os filhos do Maligno*.

³⁶ Cfr FITZMYER, *Lucas III*, 717. Em Jo 12,36 e 1Ts 5,5 aparece só a expressão predicativa *filhos da luz* (*huiói photós*), sem os dois artigos, com um sentido menos forte que em Lucas: é o que acontece também em Ef 5,8 onde se encontra uma expressão semelhante *tékna photós*.

³⁷ Cfr 1QS 1,9; 2,16; 3,13.24.25; 1QM 1,3a.11.13.

com todos os mecanismos da sociedade, se são convidados a fazer-se amigos com as riquezas iníquas (v. 9), i.é., a usar os bens deste mundo na perspectiva da ressurreição (14,14). Se o limite entre os dois grupos de pessoas passa em primeiro lugar através do coração, tem necessariamente um aspecto externo que se manifesta no comportamento evangélico.

A expressão peculiar de Lc 16,8, única no NT, indica, pois, a verdadeira identidade dos que acreditam. Estes, porém, não vivem plenamente na luz, se, na espera do Reino que vem, são considerados menos capazes de aproveitar as circunstâncias da vida.

5. A situação da Igreja de Lucas

Os textos analisados referem a imagem da luz seja à revelação e à salvação trazidas por Cristo, seja à comunidade dos fiéis, chamada a ser iluminadora da humanidade. A fidelidade ao Senhor, que é luz que ilumina tirando todas as trevas, é condição indispensável tanto para o trabalho missionário, como para uma existência cristã significativa.

Quais são as motivações por que Lucas insiste sobre estes temas, utilizando a metáfora da luz que encontra já na tradição?

A Igreja de Lucas é uma Igreja missionária, consciente de que a revelação recebida por parte de Cristo é luz capaz de iluminar todo ser humano (At 1,8). Em At 13,47 e 26,23 o autor concorda com a idéia, espalhada no judaísmo, de que o mundo pagão está nas trevas em consequência da sua idolatria ou da sua insuficiente compreensão de Deus (At 14,15; cfr Is 44,6). Esta idéia, documentada em muitos textos do NT³⁸, já se formou quando Israel entra em contato com as nações e entende sua responsabilidade a respeito delas: com efeito, já Is 42,6; 49,6 refere a expressão *luz dos gentios* ao Servo de YHWH. A invocação do Macedônio que aparece a Paulo pedindo ajuda: "Vem à Macedônia, socorre-nos!" (At 16,9) é um traço significativo que representa a situação dramática em que Lucas pensa o mundo pagão, embora aplique a metáfora das trevas também à situação de Israel antes do advento do Messias (Lc 1,79). Se a mensagem cristã é luz que empurra para uma superação definitiva das manifestações do paganismo, Lucas, diferentemente de Paulo em Rom 1,18-32, mostra certa indulgência em relação a elas (At 17,23.28): com efeito, procura justificar a visão religiosa dos gentios como caminho natural em direção a Deus antes da chegada de Cristo; embora critique seus erros, reconhece os valores culturais nela contidos.

³⁸ Cfr Rm 2,19; 2Co 6,14; Ef 5,8; Cl 1,13; 1Ts 5,4; 1Pd 2,9.

A insistência no uso da metáfora da luz em relação aos cristãos, porém, depende de problemas internos da comunidade. Lucas menciona alguns deles nas mesmas perícopes em que utiliza a metáfora. Sabe, de fato, que o ideal da vida cristã, apresentado nos sumários dos Atos, está longe de se realizar.

Na explicação da parábola do semeador, que antecipa o *lógion* da lâmpada de Lc 8,16, faz-se referência aos terrenos infrutuosos. O v. 14 denuncia as preocupações, a riqueza e os prazeres da vida como elementos que ameaçam a genuinidade da vida cristã. O autor quer corrigir um defeito da sua comunidade: livrá-la de uma atitude de ansiedade em relação às coisas deste mundo que gera inquietação para o futuro (*merimnai*) e compromete a confiança na Providência (cfr *merimnán*, 12,11.22.25. 26)³⁹. Ele, porém, está mais preocupado com a procura exagerada de bens materiais por parte de alguns membros da Igreja que obstaculiza o verdadeiro fim de enriquecer diante de Deus (12,21) e é objeto do juízo escatológico (1,53). De fato, Lucas frisa a importância de um correto comportamento com os bens terrenos também depois de ter lembrado aos fiéis sua identidade de filhos da luz (16,9-13). A visão hedonística da existência que escraviza (Tt 3,3), provoca conflitos e dilapidação de seus bens (Tg 4,1.3), é consequência desta perspectiva de vida, que Lucas estigmatiza, que esquece o dever da partilha e a necessidade do sacrifício de cada dia (Lc 9,3).

A fragilidade na fé (*prós kairón*) e o desistir nos momentos de tribulação, mencionados ainda no âmbito da explicação da parábola (8,13), é outra dificuldade que determina uma situação de opacidade na comunidade. Para indicar esta tentação, Lucas usa o termo *peirasmós* e não os termos *thlipsis* e *diognós*, como fazem os sinóticos⁴⁰, referindo-se assim à tentação de apostasia, própria dos fiéis nos momentos de perseguição (8,12; cfr 4,13; 11,4; 22,28.40.46; At 20,19). Por isso, diferentemente de Marcos e Mateus, lembra em 8,15 e 21,19 a importância da perseverança.

No contexto da parábola do administrador injusto, o autor exorta ainda, em termos gerais, os cristãos a serem fiéis (*pistós*, 16,10-12), i.é., a uma vida coerente nas pequenas como nas grandes coisas. A exortação à fidelidade é proposta também em 19,17 na parábola das minas. Note-se que o adjetivo *pistós* aparece também no contexto da parábola do patrão que está para regressar das núpcias (12,35-48). Representa uma qualidade básica do administrador constituído pelo dono sobre seus dependentes (v. 42): este, porém, na ausência do

³⁹ As preocupações são mencionadas, junto com a *devassidão* e a *embriaguez*, ainda em Lc 21,34 sem paralelo com os sinóticos.

⁴⁰ Estes termos aparecem nos Atos respectivamente em 11,19; 14,22; 20,23; cfr 7.10.11 e em 8,1; 13,50.

senhor bate nos servidores. Não é improvável que Lucas, chamando a atenção sobre o dever da fidelidade, pense na situação eclesial, i.é., no fato de que os dirigentes da comunidade abusam de seu poder em relação aos simples fiéis, como se indica na parábola. A pergunta que Pedro dirige a Jesus em 12,41: "é para nós ... ou para todos", referente à função do relato que exorta à vigilância, indica que a ótica da narração passa de um destinatário genérico para um interlocutor específico, i.é., para os representantes da Igreja.

A estas situações de desordem interna da comunidade lucana, que ocorrem nos textos onde aparece a metáfora da luz, têm que se acrescentar outros desvios que o autor corrige com freqüentes exortações morais ao longo de toda sua obra. O apelo à luminosidade encontra assim sua justificação

6. À guisa de conclusão

A análise feita mostra a importância da categoria da luz na obra lucana. O evangelista a utiliza em três momentos fundamentais da sua reflexão: para definir a identidade de Jesus Messias e sua revelação (Lc 2,32), para indicar a função do missionário (At 13,47), para conotar o ideal de vida da Igreja (Lc 8,16; 11,34-36; 16,8). O autor conecta com uma tradição bíblica consolidada: refere, portanto, ao anúncio de Jesus e à sua comunidade a metáfora que o AT e a literatura extra-bíblica usam em relação à Lei (Sl 119,105; Pr 6,23), à Sabedoria (Sb 7,10.29-30), ao povo de Deus (Is 50,10; 60,3), à conduta moral (Sl 4,7; 56,14; Is 10,17; 58,10)⁴¹. Pode-se perguntar se, na obra lucana, que insiste na metáfora do *caminho*⁴², a categoria *luz*, no seu sentido messiânico, não tem uma possível relação com a imagem da coluna de fogo que dirige o povo de Israel no deserto.

As raízes da metáfora são, sem dúvida, bíblicas. Mas pode-se provavelmente afirmar que Lucas, qualificando os cristãos como filhos da luz, tem em conta também os gostos do helenismo contemporâneo, sensível ao parâmetro *luz/trevas* para falar da situação religiosa do ser humano. Porém toma distância das correntes culturais do tempo, espalhadas no primeiro século pela região mediterrânea e marcadas por uma visão dualista da realidade: estas, através do conhecimento, se esforçam por libertar da matéria, considerada como prisão, a parte

⁴¹ Cfr P. GIRONI, "Luz/Tinieblas", *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*, Madrid 1990, 1077-1084; A. FEUILLET—P. GRELOT, "Luce e Tenebre", *Dizionario di Teologia Biblica*, Casale Monferrato 1971, 618-624. E. JENNI—C. WESTERMANN, *Dizionario Teologico dell'AT*, I, Torino 1978, "or luce", 74-79.

⁴² O termo é utilizado em sentido real (10,4; 14,24; 24,32.35) e metafórico (1,76.79; 3,4; 7,27; 20,21; At 9,2; 14,6; 16,17; 19,9.23; 22,4; 24,14.22).

luminosa do ser que não pertence a este mundo. Para o autor, toda a pessoa deve ser iluminada e transformada pela luz que se identifica com Jesus e sua revelação. O discípulo pode, portanto, ser luminoso só de reflexo. Nunca é dono da luz: só pode andar na luz que lhe é oferecida (Is 2,5). Tendo em conta sua opacidade radical, deve continuamente se deixar iluminar pela luz de Cristo que dá claridade e sentido à sua existência. Esta situação implica num contínuo esforço de renovação, de criatividade, de vigilância. Se isto não acontecer, prejudica-se a própria identidade do cristão, cuja vocação é ser testemunha de uma verdade que transforma e dá plenitude.

Quando Lucas escreve, a comunidade cristã de pequeno grupo judeu-cristão, unido e rico do entusiasmo dos inícios, se transformava numa Igreja organizada, embora ainda não com uma estrutura única e uniforme. A constante exortação a ser luminoso é, pois, também um convite a não esquecer que a dimensão carismática deve necessariamente se conjugar com a institucional numa comunidade que se torna sempre mais complexa. Além disso, tem que se destacar que a exortação lucana a ser testemunhas verdadeiras, feita com a metáfora da luz, é altamente significativa perante o incipiente nascer das heresias que começam a colocar em perigo a unidade da Igreja (At 20,28-30).

A metáfora é um paradigma fundamental da linguagem humana. Através dela, Lucas lembra à comunidade de todos os tempos a necessidade de viver à altura do seu chamado e da tarefa missionária entregue aos fiéis a favor de todos os homens que Deus gratuitamente ama (2,14). O anúncio que ela propõe e seu exemplo de vida deve, pois, ter um peso na sociedade e poder orientar a busca existencial de muitos. Como cada época, também a tecnicista de hoje necessita de luz para se orientar. Esta pode ser constituída por uma simples gama de valores humanos ou por uma verdade transcendente, alicerce e garantia desses valores. As propostas religiosas e não religiosas de hoje são múltiplas. A comunidade cristã não pode deixar de lembrar ao mundo sua fé, i.é., que a única luz verdadeiramente significativa que ajuda o homem a viver e, ao mesmo tempo, o abre à esperança de uma salvação escatológica é a de Cristo, que a Igreja anuncia. Ele representa a revelação última e definitiva de Deus (10,22), que possibilita uma compreensão autêntica do ser humano e uma transformação evangélica das pessoas e da sociedade. Não é dado a todos compreender este anúncio que modifica profundamente a visão da vida e resgata todos os valores plenamente humanos. Os cristãos, porém, não podem renunciar a propô-lo.

Endereço do Autor:
Via Petrarca 115
80122 Napoli — Itália